UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LEITURA, BIBLIOTERAPIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FATORES DE CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

BRASÍLIA
2015

LUCIANA DAVIS NASCIMENTO

LEITURA, BIBLIOTERAPIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FATORES DE CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção de título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.ª Ivette Kafure

BRASÍLIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

N244l Nascimento, Luciana Davis, 1992-.

Leitura, biblioterapia e contação de histórias: fatores de contribuição para o desenvolvimento infantil. / Luciana Davis Nascimento. – Brasília: UnB, 2015.

57 f. il. ; 30 cm.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2015.
Orientadora: Profª Ivette Kafure

1. Leitura . 2. Biblioterapia. 3. Contação de Histórias. I. Título.

CDU 028.02

Título: Leitura, Biblioterapia e Contação de Histórias, fatores de contribuição para o desenvolvimento infantil.

Aluna: Luciana Davis Nascimento.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 30 de junho de 2015.

Ivette Kafure Muñoz - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Cláudio Gottschalg Duque – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh – Membro externo
Bibliotecária no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Mestre em Ciência da informação

Dedico esse trabalho as minhas avós, Lucia e Donaltides, por serem mulheres incríveis, fortes e batalhadoras. Dedico aos meus pais, Mariangela, Walmir e Lisandro por sempre estarem presente na minha vida, me dando amor, carinho incondicionalmente e suporte para que pudesse sempre realizar os meus sonhos. As minhas irmãs Liana e Lara, por serem luz na minha vida. Ao meu namorado, Mateus, por ser meu melhor companheiro e melhor amigo. E ao meu psicólogo Dr. Pedro, por todo apoio nos momentos fáceis e difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado desde do inicio desse curso, que teve várias fases conturbadas e por terem me dado o apoio para conseguir chegar até o final. Vocês são o que motivou a chegar até aqui, a mulher que sou hoje devo a vocês.

Minha mãe, Mariângela Davis, por todo carinho e colo me dado durante esse percurso. Meu pai, Walmir Nascimento, por todo apoio, atenção e palavras de força. E meu segundo pai Lisandro Couto, por todas as conversas e por abrir meu olhos para o mundo.

Agradeço as minhas irmãs, Liana Davis e Lara Davis, que são a luz e a energia da minha vida, vocês que me deram a força para continuar minha jornada, chamada: vida, vocês foram luz, onde eu só enxergava escuridão.

As minhas avós, Lucia e Donaltides, por serem exemplos de mulheres. Mulheres batalhadoras e que sempre se mantiveram firmes nos momentos mais difíceis.

Ao meu psicólogo, terapeuta, figura paternal, Dr. Pedro Inacio de Andrade, por estar sempre ao meu lado nas batalhas da vida, nas dores que eu achava que não iam ter fim, nos choros incessantes, e também nos momentos de risadas, tornando a vida mais leve. Obrigada por me ajudar a amadurecer e seguir meu caminho, sempre com o pé no chão.

A minha tia, Vânia Pereira, e também bibliotecária, que foi minha guia na escolha dessa profissão. Além de tia, foi chefe, amiga e companheira. Obrigada pelo exemplo de bibliotecária que você é para todos.

Ao meu namorado, companheiro e melhor amigo, Mateus Miranda. Obrigada pelo amor, pelos conselhos, pela paciência, pela ajuda, pelo o carinho, pelo o apoio, pela gratidão, por todos os momentos compartilhados juntos e principalmente por ser meu melhor companheiro nessa estrada da vida que estamos construindo.

As minhas amigas queridas e logo mais colegas de profissão, Gessyca Lago, Alanna Giannin e Marília Andrade. Vocês foram o motivo para eu não abandonar o curso. Vocês são a razão dessa monografia está se tornando concreta. Que a nossa amizade seja eterna, vocês são parte de mim.

Aos meus amigos e amigas fora da faculdade, Marcela Melo, Lirah Ganej, Paula Bretas, Luisa Bretas, Messias Junio e Ítalo Barros, obrigada por estarem sempre ao meu lado não importa a situação, pelos momentos de alegria e de tristeza e principalmente por serem ótimos amigos.

A minha querida orientadora Ivette Kafure, por toda a paciência e compreensão nesses três semestres que foram a monografia. Os momentos em que eu sempre queria chorar e desistir, você estava lá para me ouvir e me dar conselhos. Sua calma e sua sabedoria, foram essenciais nessa jornada.

Agradeço a todos que trabalharam comigo e me fizeram crescer profissionalmente, os estagiários e agora amigos, Diogo Trindade e Evelaine Oliveira, e em especial para minha chefe Ana Lucia Fernandes e meus companheiros de seção Robison, Ari e Mariangela, vocês foram sem duvidas a melhor equipe de trabalho que possa existir.

Agradeço a toda minha família, tios e primos, por estarem sempre presentes na minha vida, porque família é um dos bens mais preciosos da nossa vida.

Muito obrigada. Sou eternamente grata a todos vocês.

"(...) poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho ao seu coração. As primeiras imagens, o eco dessas palavras que pensamos ter deixado para trás, nos acompanham por toda a vida e esculpem um palácio em nossa memória ao qual mais cedo ou mais tarde – não importa os livros que leiamos, os mundos que descubramos, o quanto aprendamos ou nos esqueçamos – iremos retornar."

A Sombra do Vento - Carlos Ruiz Zafón

RESUMO

A presente pesquisa tem por escopo abordar a leitura trabalhada na constituição dos processos de biblioterapia e contação de histórias, bem como caracterizar os benefícios das três abordagens no contexto social e infantil. Contendo quatro capítulos, a pesquisa começa versando sobre a importância da leitura para os indivíduos, bem como os reflexos manifestados por intermédio de suas variadas abordagens. Seguindo a ordem das informações, a pesquisa abordará a biblioterapia em sua conceituação e aplicações, e de mesmo modo a contação de histórias, finalizando com a influência exercida pela leitura em cada temática, permitindo o entendimento de como a integração das abordagens e da leitura reflete no desenvolvimento infantil.

Palavras- chave: Leitura, Biblioterapia, Contação de Histórias.

ABSTRACT

This research has the scope to address the reading worked in the constitution of bibliotherapy processes and storytelling, and to determine the benefits of the three approaches to social and child context. Containing four chapters, the search begins dealing on the importance of reading for individuals as well as the reflections expressed through their varied approaches. Following the order of information, research will address the bibliotherapy in its concept and applications, and similarly to storytelling, ending with the influence exerted by reading each issue, allowing the understanding of how the integration of approaches and reading reflects in child development.

Keywords: Reading, Bibliotherapy, storytelling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Leitura 18

Figura 2: Livros e E- Reader 20

Figura 3: E-Book 21

Figura 4: Biblioterapia e tratamento do câncer 28

Figura 5: Biblioterapia no Tratamento Pediátrico 31

Figura 6: Contação de histórias 35

Figura 7: João e Maria, clássico da literatura Infantil. 37

Figura 8: Glauter Barros, Contador de Hitórias. 38

Figura 9: Leitura no processo de biblioterapia 43

Figura 10: Primeiro contato com a leitura e contação de histórias 44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DO ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO ... 16
2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA 16
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA 17
2.2.1 Objetivo Geral 17
2.2.2 Objetivos Específicos 17
3 LEITURA 18
3.1 SOCIEDADE BRASILEIRA E A LEITURA 18
3.2 LEITURA E TECNOLOGIA: LIVROS OU E-BOOK'S? 20
3.3 O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA NA SOCIEDADE 22
3.4 LEITURA E PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO 24
3.4.1 Método Sintético 26
3.4.2 Método Analítico ou Global 26
4 BIBLIOTERAPIA 28
4.1 BIBLIOTERAPIA, ASPECTOS CONCEITUAIS E PRESSUPOSTOS 28
4.2 COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS 29
4.3 BIBLIOTERAPIA E SUAS APLICAÇÕES 31
4.4 BIBLIOTERAPIA E LEITURA 33
5 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 35
5.1 CONCEITOS E ASPECTOS DA COTAÇÃO DE HISTÓRIAS 35
5.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LITERATURA INFANTIL 36
5.3 CONTADORES HISTÓRIAS E SUA ARTE 38
5.4 ASPECTOS TÉCNICOS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 39
5.4.1 O olhar 39
5.4.2 O elemento voz 40
5.4.3 O diálogo 40
5.4.4 Estrutura e seleção do conto 40
5.4.5 Conto Tradicional 41
6 LEITURA, BIBLIOTERAPIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 43
6.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE BIBLIOTERAPIA 43
6.2 A IMPORTÂCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 44
6.3 RELAÇÃO ENTRE LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E BIBLIOTERAPIA 45
6.4 CONTAÇÃO DE HISTORIAS E BIBLIOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL 48

CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS 52

1 INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura da sociedade brasileira, muito se discute acerca da formação ideológica e intelectual do cidadão para sua participação nas interações sociais, o que acaba por refletir em todo o grupo onde o indivíduo está inserido.

O trabalho de biblioterapia possui um papel de exímia importância em tal abordagem, uma vez que influencia diretamente no comportamento dos indivíduos que participam dos processos, proporcionando reflexões sobre vários aspectos da vida. Para promoção de mudanças comportamentais, o hábito e prática da leitura vêm como mola propulsora de tais mudanças, oferecendo suporte e atuando como base nos trabalhos de biblioterapia.

Não menos importante que a biblioterapia na promoção de mudanças significativas em indivíduos, a contação de histórias possui uma fundamentação e importância histórica, que vai além do simples ato de narrar um acontecimento vivenciado ou descrito por pessoas diversas do convívio cotidiano. No eixo da contação de histórias a pesquisa fornecerá conceitos que integram a temática ao hábito de leitura bem como os reflexos e resultados atrelados a todo andamento do processo.

Em se tratando da execução e andamento da biblioterapia e contação de histórias, a pesquisa vem apresentar algumas conceituações e aplicações práticas que permitirá a composição do entendimento a cerca da importância e contribuições dos processos, bem como detalhar a influência e contribuição que a leitura proporciona pela leitura no contexto de cada temática, em situações diversas.

Objetivando um melhor entendimento dos processos de biblioterapia e contação de histórias, a pesquisa fornecerá primeiramente conceituações acerca da leitura, o que acaba por facilitar a compreensão das abordagens biblioterapêuticas e narrativas orais.

2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DO ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A prática da leitura desde seu desenvolvimento trouxe para as pessoas respostas e o entendimento a cerca de vários aspectos e assuntos da vida cotidiana. Valendo-se do poder de transformação e alteração da realidade existente na vida das pessoas, foi desenvolvida a Biblioterapia que pode ser definida genericamente como tratamento de diversas desordens de atitudes e/ou condutas humanas, alterando assim o estado inicial por meio da leitura de materiais indicados para tal fim.

Oaknin (1996) infere que biblioterapia é uma palavra definida, pela junção de dois termos, a terapia e livro, assim sendo biblioterapia é o tratamento por intermédio do uso de livros, contudo tal definição aparentemente simples abarca assuntos de alta complexidade que sugere o conhecimento e definições que possibilitem o alcance de respostas a questionamentos como: o que é o livro? Como se dá a leitura? Como a leitura me ajudará no tratamento de doenças?

A aplicabilidade da biblioterapia não é restrita apenas ao tratamento terapêutico de enfermidades, mas estende-se também a diversas outras áreas, como o desenvolvimento pedagógico, campo correcional, na psiquiatria e também no trabalho com idosos (SILVA, 2011).

A aplicação da biblioterapia no campo da educação possui uma expressiva eficiência quando associada à contação de história, fortalecendo assim o hábito saudável da leitura e facilitando a compreensão e aprendizado das crianças que passam pelos dois processos.

A contação de histórias está presente na vida do homem há muito tempo, o processo pode ser fortemente identificado e observado por exemplo na doutrina cristã, onde Jesus a aproximadamente dois mil anos atrás ensinava seus discípulos e seguidores por intermédio histórias e parábolas, de modo que a compreensão fosse atingida de maneira fácil e didática, onde todos independentemente dos conhecimentos que possuíam entendiam a mensagem.

Com o passar do tempo à produção de livros e textos foi intensificada, diante de tal fato a contação de história obteve um grande reforço e auxilio didático, que possibilitou o desempenho de um trabalho rico em detalhes e informações que mexem com o imaginário das crianças introduzindo assim a vontade de realizar atividades diversas apresentadas nas histórias.

Com base em tal sentido Abramovich (2001, p.23) versa que:

> As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das idéias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imagiar,o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!

A contação de histórias nos dias atuais está altamente ligada ao hábito de leitura, nos mais diversos gêneros e classes literárias encontrados na sociedade, logo sua participação na construção do conhecimento e do saber possui importância.

Diante de tais argumentações, para que seja possível mensurar tal importância nos processos educacionais fica apresentado o seguinte questionamento: Como a biblioterapia e a contação de histórias podem contribuir para o desenvolvimento das crianças?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo Geral

Compreender de que modo à leitura integra a biblioterapia e a contação de histórias na infância.

2.2.2 Objetivos Específicos

Verificar a importância da leitura na infância.

Apontar as abordagens da leitura na biblioterapia.

Apontar as abordagens da leitura na contação de historia.

Identificar o papel da leitura nos processos da contação de histórias e da biblioterapia na infância.

3 LEITURA

3.1 SOCIEDADE BRASILEIRA E A LEITURA

A leitura sempre esteve presente na sociedade desde os primórdios da existência humana, sempre atrelada à escrita feita primeiramente por meio das gravuras em rochas e em placas de barro. Os registros das mais diversas experiências na antiguidade surgiram como meio de transmitir o conhecimento de assuntos diversos aos membros mais novos de uma determinada comunidade, normalmente os temas mais abordados eram a caça, os elementos naturais, a reprodução de paisagens, o fogo, e aspectos diversos da vida na época.

Martins (2006) preleciona a leitura como um processo de entendimento de expressões simbólicas ou formais, que nos permite atingir o conhecimento por intermédio de várias linguagens, estabelecendo interações sociais diversas. Diante de tal conceituação pode-se inferir que a leitura não é o somente o entendimento de símbolos ou sinais gráficos, mas um fator de integração social e cultural frente à sociedade, uma vez que a leitura e escrita é a base que sustenta as mais variadas interações humanas.

A leitura e escrita fazem parte do construto de conceitos e habilidades do indivíduo, que assimilando e agregando conhecimentos em diversas linhas de raciocínio determinam alterações em sua realidade, uma vez que, as informações partidas do contexto social apresentado por um autor são aplicadas e transferidas para vida individual do leitor quando há o entendimento do que foi transmitido na leitura (VYGOTSKY, 2005).

Figura 1: Leitura

Fonte: Google Imagens (2015)

Kock (2009) infere que a leitura é um ato social entre duas pessoas, sendo um o leitor e o outro autor, onde é estabelecida a interação com necessidades e objetivos determinados socialmente. Interação esta que considera o quanto o leitor conhece sobre o tema lido, e que exige a capacidade de construção de um sentido para a leitura.

Para que o indivíduo possa praticar a leitura e desenvolver tal habito é necessário antes de tudo, que o mesmo passe pelo processo de letramento, que consiste basicamente na prática do ensino e/ou aprendizado de ler e escrever, pois sem a capacidade de articular e compreender as palavras de modo que haja sentido ou contexto, a leitura não pode ser desenvolvida (SOARES, 2003).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) inferem que:

> A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção e significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 2001, p.54).

Os brasileiros em uma abordagem ampla apresentam um índice baixo na relação de livros lidos/ano, uma boa explicação para tal fato é a baixa escolaridade da sociedade, problemas socioeconômicos, evasão escolar, a falta de espaços públicos destinados à leitura entre outros (AGENCIA SENADO, 2015).

No Brasil a questão da leitura é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas ainda sim há grandes obstáculos para o desenvolvimento do hábito de leitura frente à sociedade. A escola é o instrumento mais eficaz para que se possa desenvolver o aprendizado da leitura, pois os primeiros contatos com o ler e escrever normalmente ocorre no ambiente escolar ainda nos primeiros anos da vida estudantil das crianças.

Solé (1998), afirma que as crianças possuem uma grande capacidade de construção de conhecimentos acerca da leitura e escrita, e se o educador apresentar desafios de leitura e escrita que sejam pedagogicamente ajustados ao nível intelectual das crianças, automaticamente elas irão buscar outros desafios e desenvolverão o habito de ler.

Observando tal ótica é possível concluir que:

> A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, idéias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 1994, p. 34).

Com o objetivo de democratizar a leitura na sociedade brasileira, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) editou a resolução n° 44 de 16 de outubro de 2008, onde projetos voltados para leitura e formação de leitores das mais variadas faixas etárias e condições sociais, passaram a receber prioridade em investimentos.

Fazendo menção a tal fato, o texto da resolução 44 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em seu artigo 8º versa que:

> Art. 8º É fundamental que os projetos de fomento à leitura promovam o atendimento de neoleitores jovens, adultos e idosos, respeitadas suas características étnico-raciais, sócioeconômicas, de gênero, de identidade regional/territorial e aqueles em condição de hospitalização, deficiência e privação de liberdade.

Após diversas reuniões realizadas acerca da temática, foi instituída a Portaria Interministerial nº 1.442 de 10 de agosto de 2006 que fazia referência ao Plano Nacional da Leitura e do Livro, revogada posteriormente pelo Decreto nº 7.559 de 1º de setembro de 2011, que elevou o Plano Nacional da Leitura e do Livro ao patamar de política pública de incentivo e desenvolvimento da leitura no Brasil.

O Instituto Pró-livro em parceria com o instituto IBOPE de Pesquisas, entre os anos de 2007 e 2011 em uma terceira edição realizou uma pesquisa que teve por objetivo acompanhar a evolução do hábito de leitura no Brasil, onde foi constatada uma pequena evolução negativa em relação às versões anteriores (FAILLA, 2012).

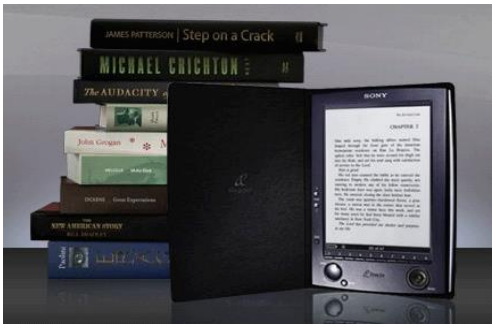
A pesquisa apontou que a maior parcela de leitores estão na faixa etária entre 5 e 17 anos, em função das atividades escolares e a vida estudantil como um todo. Foi apontado ainda que quanto mais avançada à idade dos leitores, mais diminui o hábito de leitura, tal fato ocorre normalmente em função do encerramento das atividades escolares e inicio da vida laboral dos leitores (FAILLA, 2012).

Com todo o aparato legal para o incentivo e desenvolvimento do hábito de leitura, o esperado que haja uma mudança significativa na realidade brasileira, com a criação de espaços públicos para leitura, bem como o apoio a entidades que promovam e possibilitam o contato da sociedade com os livros.

3.2 LEITURA E TECNOLOGIA: LIVROS OU E-BOOK'S?

A tecnologia na sociedade atual é um fator de grande contribuição para as comunicações em um aspecto geral, proporcionando a transmissão de informações em alta velocidade, e conforme o contexto em tempo real. Em se tratando do universo da leitura há uma corrente de pesquisadores que defende o uso a tecnologia como grande fator de democratização da leitura. Contrapondo tal visão há também outra corrente que afirma ser um retrocesso à prática da leitura por intermédio de recursos tecnológicos.

Figura 2: Livros e E- Reader



Fonte: Google Imagens (2015)

Paulino (2009) infere que muitos estudiosos expressam certo pessimismo e acreditam em um possível fim da veiculação impressa de exemplares, contudo por se tratar de uma questão relativamente atual, há a necessidade da realização de um estudo com maior precisão sobre questão. Estudos

já realizados apontam a coexistência pacífica das duas modalidades de livros, tendo cada uma seu público e adeptos.

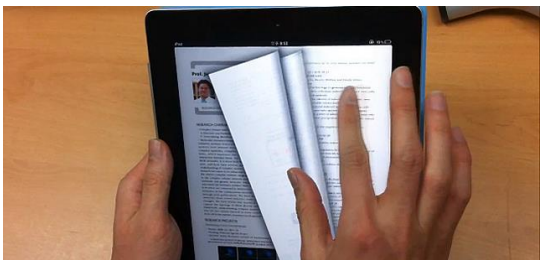
Diante de tal fato Jobim (2003) manifesta preocupação em relação ao uso da tecnologia para leitura de livros, pois, uma vez que surge um novo meio de composição e veiculação de informações, as formas e metodologias mais antigas tendem a cair em desuso, frente a tal fato o autor sustenta o argumento que:

> O livro, com seu suporte de papel, ainda é um objeto de grande funcionalidade. Se a substituição de determinado artefato cultural por outro geralmente ocorre quando este outro pode perfazer todas as funções do anterior, com vantagem, então podemos dizer que isto não ocorreu, pois o livro, entre outras coisas, não tem necessidade de eletricidade ou de *upgrading*, e o leitor pode acessá-lo sem a mediação de uma máquina. Isto não significa, contudo, que a posição do livro (e de sua leitura) permaneça a mesma neste novo contexto cibernético (JOBIM, 2003, p. 232).

Chartier (1999) em sua obra *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*, manifestou preocupação e lamento em decorrência do surgimento de livros em formato digital, passando a considerar uma possível extinção do livro impresso e as dificuldades de adaptação que a sociedade passa a enfrentar com o novo formato. A obra de Chartier (1999) versa ainda sobre a necessidade da integração dos vários processos e profissionais envolvidos na produção dos livros, quer sejam impressos ou digitais tal integração deve favorecer a adaptação das novas formas de desenvolvimento da leitura em meio à sociedade.

Segundo o que observa Machado (1994) em seu eixo conceitual, livro é definido como qualquer meio ou dispositivo pelo qual a civilização registra, memoriza ou estabelece para si e para posteridade, um aglomerado de descobertas e conhecimentos integrantes de seus sistemas de crenças.

Figura 3: E-Book



Fonte: Google Imagens (2015)

Na conceituação de Chartier (1999), mesmo ameaçando a existência de exemplares impressos, o livro digital é visto como um fator revolucionário dentro do mundo da leitura, pois o mesmo oferece suporte para uma leitura dinâmica e mais acessível, onde o leitor é passivo de novas descobertas em decorrência da quantidade de exemplares que pode ser acessado em um curto período de tempo.

Castro (2004) menciona que o processo de produção de um livro eletrônico é o mesmo desenvolvido para publicação de exemplares físicos, a única diferenciação esta presente apenas na composição tecnológica empregada na distribuição de exemplares na sociedade.

Para que se estabeleça o entendimento concreto sobre as possibilidades atreladas ao uso de livros digitais, é necessário primeiro compreender fatores importantes, como o suporte tecnológico que permite a leitura dos livros, e os formatos que tais suportes utilizam no processo de transmissão da informação (DANTAS, 2011).

A utilização de *E-books* pode partir de inúmeros dispositivos que permitem a realização da leitura, tais como um computador ou mesmo dispositivos móveis como aparelhos telefônicos e tablets, ainda que sua finalidade principal não seja promover a leitura (DANTAS, 2011).

Para tal fim grandes empresas do ramo de tecnologia desenvolveram os *e-readers* com finalidade única de promover a leitura, porém com grandes limitações, pois necessitavam uma conexão direta com computador ou *pen-drive* para armazenar arquivos. Hoje pode-se afirmar que o tablet foi o grande responsável pela difusão da leitura digital e evolução de aparelhos *e-readers* com melhores recursos para se promover a leitura (DANTAS,2011).

São grandes e inúmeras as vantagens apontadas para a realização de leitura em *e-books*, entre elas esta a possibilidade de obter vários títulos e armazena-los em um único aparelho, excluindo a necessidade de carregar obras impressas que demandam espaço para armazenagem e até mesmo força física para tal. As obras digitais podem ser facilmente acessadas em espaços virtuais, e como tal, podem ser compartilhada pela rede de computadores alcançando um público inimaginável em uma escala global.

Mesmo com posicionamentos divergentes acerca das vantagens e desvantagens do uso de *e-books*, é válido considerar a leitura como algo saudável que estimula o senso crítico e proporciona novas experiências, e independente se a informação é veiculada por meios tradicionais com papel ou digital, o importante é desenvolver o hábito de ler.

3.3 O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA NA SOCIEDADE

É sabido que uma boa leitura crítica proporciona o construto de novos conceitos e paradigmas sociais, onde atitudes e conceitos parcos são facilmente substituídos por pressupostos socialmente aplicáveis e efetivos, produzindo efeitos surpreendentes nas gerações leitoras que a cada dia são formadas, fortalecendo a cidadania e integração social.

Blattmann e Viapiana (2005) inferem que a leitura proporciona fomento e reflexão autocrítica acerca da vida individual e coletiva de cada individuo na sociedade, onde a leitura

é o instrumento propulsor na libertação do ser social que é precedido pela construção do cidadão consciente de seu papel em coletividade.

Destarte em mesma compreensão Silva (1981, p.20) referencia que:

> Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sócio - cultural futura.

No Brasil impera o Estado Democrático de Direito, o que garante ao cidadão o pleno direito de manifestação de suas ideias, bem como formar e disseminar opiniões diversas em assuntos e aspectos que lhe for de interesse.

Zilberman (1991) explana que a sociedade vive em uma espécie de pseudo-democrácia, uma vez que a participação do cidadão crítico no processo politico é suprimida em decorrência da não formulação de críticas aos temas sociais relevantes. Normalmente a falta do poder de formulação crítica é derivada do analfabetismo, da exclusão social sofrida por idosos e pessoas com necessidades especiais, da baixa qualidade do ensino público e da marginalização de uma grande massa populacional brasileira.

Ainda em tal eixo conceitual Zilberman (1991) infere que a educação e uma escola bem estruturada, são os únicos mecanismos que possuem capacidade plena de inserir a massa marginalizada no contexto político e democrático. Logo quando a escola e a leitura são inseridas no bojo do funcionamento da sociedade, o cidadão crítico é moldado para fazer a análise de contextos sociais diversos, libertando-se assim das cadeias da segregação social.

Elencando a importância da leitura Alves (1999, p.61) diz:

> Penso que de tudo que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior do que o ensino do prazer pela leitura. A leitura é a chave para abrir as avenidas do mundo, sem ela somos seres ilegíveis.

A leitura quando abordada de maneira reflexiva, possibilita ao indivíduo ascender a níveis cognitivos elevados de modo que haja a aplicação prática do que foi compreendido, despertando aspectos da vida ainda não vivenciados, mas depreendido pelo autor cujo material textual foi observado em leitura (SABINO, 2008).

Para Sabino (2008) o ato de ler é a clara representação da inclusão social, onde analfabetos em sentido literal, assim como os analfabetos funcionais por não saberem ler vivenciam a exclusão social determinada pela sua condição, e tem suas vidas comprometidas por não realizarem atividades relativamente simples para pessoas alfabetizadas, a exemplo pode ser citada a perda da autonomia de locomoção em um centro urbano desconhecido, a não compreensão de um simples anúncio de algum produto ofertado pelo comércio, ou mesmo

não saber utilizar algum objeto por não saber ler as instruções, tais fatos impactam negativamente na qualidade de vida de tais pessoas.

O conhecimento é construído de maneira individual, no qual os processos de sua construção ou reconstrução estão no íntimo de cada indivíduo. Logo a leitura reflexiva orienta e desperta a consciência e valores como ética, estética social e humana frente à sociedade, podendo estabelecer também formas de entretenimento formando e informando jovens e crianças de uma maneira satisfatória e alegre (SABINO, 2008).

A leitura reflexiva deve ser procedida de maneira minuciosa, e sob aspecto nenhum deve estar situada em uma atividade passiva. Para que haja uma leitura proveitosa o leitor deve estabelecer sua crítica sobre o que esta sendo lido, é valido salientar que crítica não é necessariamente a observação de algo em um sentido ruim, pois é possível criticar algo de uma maneira positiva e construtiva. Para se estabelecer um conceito proveitoso da leitura, o leitor deverá questionar ativamente o conteúdo do texto lido, tal prática na leitura desenvolverá o hábito de questionamento interior e exterior do leitor (SABINO, 2008).

A dialética apresentada pela Sociologia e Filosofia de que, o homem é fruto do meio em que vive, pode ser tacitamente observada quando se trata da leitura. Normalmente os primeiros contatos com a leitura ocorre ainda na infância por meio da contação de histórias, logo, se há o incentivo da conduta de leitura de uma forma reflexiva, certamente a criança será um adolescente e posteriormente um adulto com senso critico aguçado para avaliar os mais diversos fatos sociais que compõe sua realidade, não se furtando de provocar alterações no sentido mais amplo de sua vida individual ou mesmo coletiva.

Tal argumentação remete a conclusão de que a leitura, não deve ser acolhida como uma prática qualquer frente à sociedade, mas uma obstinação em modificar a realidade social nas mais variadas camadas sociais. Ler remete não só a liberdade, mas a garantia de que as cadeias sociais serão quebradas de maneira a transcender a própria sociedade, e seus paradigmas incorporados ao longo do tempo.

3.4 LEITURA E PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Como já elencado anteriormente a leitura é completamente intrínseca ao processo de escrita, não sendo possível atingir o êxito em qualquer dos dois processos sem a coexistência das duas modalidades de comunicação, uma vez que para ler é necessário conhecer as letras e saber formar palavras, isso significa que somente por intermédio da alfabetização é possível obter o aprendizado necessário.

Diante disso Lemle (1987) afirma que:

> Ler e escrever significa o domínio da "mecânica" da língua escrita; nessa perspectiva, alfabetizar significa a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita, escrever e decodificar a língua escrita em língua oral (ler). (LEMLE,1987, p. 41).

A alfabetização é caracterizada como um processo indispensável e específico da dominância do sistema de escrita, bem como a apropriação de princípios ortográficos e alfabéticos, de modo que o educando consiga ler e escrever com propriedade, ou seja, a alfabetização é compreendida no domínio do código escrito, que é organizado entre a representação sonora da fala e as letras utilizadas no processo de escrita (VAL, 2006).

Para Perez (1992, p. 66) a alfabetização é descrita como:

> Um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola, paralelamente à escola.

É possível enfatizar diante de tal conceituação, que a alfabetização é um processo contínuo que transcende o ambiente escolar, abarcando todo o cotidiano dos educandos de uma maneira geral, desde a pronúncia das primeiras palavras até o momento de dominação da leitura e escrita, seja em um processo formal ou informal, e até mesmo em um idioma que não seja o nativo do indivíduo.

Quando se fala de alfabetização, é indispensável que a metodologia empregada no processo seja observada para uma melhor compreensão do educando. Tal processo deve ser adequado a cada faixa etária, seguindo um contexto que seja de fácil entendimento e que possibilite o desenvolvimento intelectual da criança ou adulto que passa pelo processo de alfabetização, ou seja, um método adequado de trabalho deve ser observado.

Martins e Spechela (2012), afirmam que há a necessidade de se observar um método a ser utilizado no processo de alfabetização, entretanto não existe uma determinação metodológica definida, uma vez que cada educando tem suas particularidades e dificuldades, logo o método que se adequa a uma pessoa não necessariamente irá atender outra.

Participando de tal afirmação Carvalho (2008, p. 17) explana que:

> Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe.

Ainda na seara dos métodos, é possível identificar dois segmentos utilizados por docentes no processo de alfabetização, onde cada particularidade elencada nas duas esferas

metodológicas que permitem um determinado tipo de abordagem para melhor desenvolvimento da alfabetização.

3.4.1 Método Sintético

Tem como foco essencial o trabalho com soletração, no qual precede a construção da consciência fonológica, elevando o grau de alfabetização partido da abordagem da decodificação de sons que as letras apresentam na composição de palavras (MARTINS E SPECHELA, 2012).

São variados os desdobramentos dos métodos sintéticos, a saber: silabação, soletração, casinha feliz, método da abelhinha e o método fônico, todos fazendo uso da soletração e consciência fonológica. Carvalho (2008,p.28) preleciona que há a necessidade de uma abordagem cautelosa ao afirmar que:

> Um cuidado que deve ser observado na aplicação dos métodos fônicos decorre da própria natureza do Português, língua alfabética na qual uma letra pode representar diferentes sons conforme a posição que ocupa na palavra, assim como um som pode ser representado por mais de uma letra, segundo a posição. Assim, não basta ensinar o som da letra em posição inicial da palavra, mas é preciso mostrar os sons que as letras têm em posição inicial, medial (no meio) ou final da sílaba.

Diante de tal afirmação é possível inferir que o docente ao utilizar tal método deve possuir certa carga de conhecimento e experiência na alfabetização com suporte na orientação metodológica sintética, para que não prejudique o aprendizado do educando.

3.4.2 Método Analítico ou Global

Esta metodologia é empregada em sentido inverso ao da sintética, onde o educador inicia o processo de alfabetização partido da leitura de frases, orações e textos, aguçando a criatividade e vontade de ler e escrever do educando. São caracterizados métodos analíticos: métodos de conto, método natural Freinet, alfabetização a partir de palavra-chave, a metodologia de base linguística ou psicolinguística, método ideovisual de Decroly, síntese dos passos de aplicação, etapas de uma unidade, método natural e o método Paulo Freire (MARTINS E SPECHELA, 2012).

Entre os métodos analíticos e sintéticos, surgem a o questionamento sobre qual seria mais adequado para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização em sala de aula. Diante de tal questionamento não é possível eleger uma metodologia ideal, pois cada docente adota a

metodologia que considera adequada e que vá atender a necessidade de seus alunos, podendo fazer um apanhado conceitual nos dois métodos.

Frente a tal fato Carvalho (2008, p. 18) versa que:

> São os chamados métodos analítico-sintéticos, que tentam combinar aspectos de ambas as abordagens teóricas, ou seja, enfatizar a compreensão do texto desde a alfabetização inicial, como é próprio dos métodos analíticos ou globais, e paralelamente identificar os fonemas e explicitar sistematicamente as relações entre letras e sons, como ocorre nos métodos fônicos.

Na seara do método analítico está inserida a contação de histórias, foco de abordagens posteriores nesta pesquisa onde abordará os benefícios proporcionados para as crianças, bem como o uso não só para a alfabetização, mas terapêutico.

4 BIBLIOTERAPIA

4.1 BIBLIOTERAPIA, ASPECTOS CONCEITUAIS E PRESSUPOSTOS

A interação do homem com a literatura não é um evento de ocorrência recente no seio da sociedade. Tal interação foi abordada por vários filósofos e pensadores, que com uma dialética voltada para o ser existencial e teoria psicanalítica, tiveram êxito e consagração de suas obras a partir do século XX. Ao longo dos anos tais teorias e posicionamentos a cerca da existência e psique humana, tomaram grande proporção em meio à sociedade, dando a literatura uma importância impar no tratamento de várias enfermidades, bem como contribuição cultural e educacional sendo denominada assim biblioterapia.

Figura 4: Biblioterapia e tratamento do câncer

Fonte: Google Imagens (2015)

Orsini (1982) apresenta a definição de biblioterapia como uma técnica utilizada com finalidade de tratamento, diagnóstico, prevenção de moléstias e problemas de caráter pessoal, o pesquisador infere ainda que os objetivos são classificados como de nível social, intelectual emocional e comportamental, dando suporte ao autoconhecimento embasado na reflexão e busca de padrões socioculturais desejáveis, fortalecendo o emocional e alterando a realidade comportamental.

Ouaknin (1996) preleciona que o objeto central da biblioterapia é o ser humano em contínuo movimento, onde o fortalecimento psíquico advêm do processo interpretativo e narrativo da leitura, logo, o entendimento do texto lido deslancha a possibilidade da terapia reafirmada nas interações entre o texto e o indivíduo, de modo a trabalhar o emocional da pessoa enferma juntamente com os tratamentos tradicionais.

Ainda no eixo conceitual de Ouaknin (1996, p. 200), é possível concluir que:

> A Biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – [através da] leitura – permite ao homem compreender o texto e compreender-se. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre um outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A Biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos.

Marcinko (1992, p. 2) infere que:

> […] a Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador [orientador] treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de acionar autoafirmação, autoconhecimento ou reabilitação.

Com base na tese de Caroline Shrodes, Caldin (2001) definiu a biblioterapia como uma leitura realizada em grupo que permita a sua discussão, favorecendo as interações e troca de experiências entre as pessoas, de modo que expressem seus sentimentos, anseios, angústias e receios, fortalecendo a ideia de que o homem não esta só na resolução de conflitos e problemas, podendo assim compartilhar valores e experiências que norteiam as pessoas para o estado psíquico desejado.

4.2 COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS

Conforme explana Caldin (2001) os componentes biblioterapêuticos são: o humor, a catarse, a identificação, a projeção, a introjeção e a introspecção. O primeiro e provavelmente mais importante componente que pode ser destacado se considerada uma escala de importância é a catarse.

- **Catarse**

Conforme explanação de Caldin (2001), catarse é um elemento presente na grande maioria das histórias, o que antes pertencia apenas ao gênero tragédia, estende-se hoje a todos os gêneros literários. Os contos de fadas é um gênero transparece com melhor clareza a catarse, ao passo que personagens tidos como vilões causam medo, e ao serem derrotados proporcionam uma sensação de alívio.

A catarse nada mais é do que o apaziguamento e pacificação de emoções ora elevadas e confundidas no decorrer da trama literária. Para melhor entendimento sobre catarse ao observarmos a estória dos três porquinhos, quando o lobo quebra a casa de palha e a de madeira, perseguindo os porquinhos, a primeira sensação e a de angústia e medo pelo fato do lobo quase os capturar, contudo ao tentar derrubar a casa feita com tijolos o lobo fracassa, e ao tentar invadir pela chaminé se queima no caldeirão e foge desesperado, a sensação transmitida é de alívio, pois os porquinhos conseguem escapar.

- **Humor**

Seguindo os componentes temos o humor, que com embasamento nas teorias de Freud é possível observar o triunfo do narcisismo uma vez que o ego das pessoas se recusa a sofrer. Logo o humor é caracterizado pela rebelião do ego sobre circunstancias variadas, modificando

o que seria um objeto de dor em um objeto prazeroso, em resumo seria a ação do superego em detrimento do ego a fim de preserva-lo da dor (FREUD, 1969).

- **Identificação**

A Identificação segundo aspectos elencados na teoria freudiana do desenvolvimento da personalidade é apresentada de maneira crucialmente importante e que se faz presente desde cedo na vida das pessoas. Para melhor entendimento, a identificação pode ser observada em crianças que se identificam com os pais ou pessoas de seu convívio cotidiano.

Segundo preleciona Laplanche e Pontalis (1994, p. 226) na obra *Vocabulário de Psicanálise,* a identificação pode ser configurada como "um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro".

- **Introjeição**

Intimamente relacionada à identificação temos a introjeção, na qual é constituída por processos de investigação analítica, onde o individuo passa a compor um modo fantasístico absorvendo qualidades e características de objetos a que observam, ou seja, é algo que se figura de fora para dentro. Desse modo só é possível à ocorrência da introjeção se o indivíduo primeiramente se identificar com o objeto ou pessoa observada (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994).

De modo simplificado introjeção é basicamente a reprodução de qualidades ou características absorvidas de pessoas ou objetos dos quais nos identificamos, o que reafirma a ligação obrigatória entre a identificação e introjeção. O mesmo processo é figurado em relação à leitura e o leitor, onde o leitor tende a ler algo que possui uma afinidade, identificando-se com o assunto ou mesmo o posicionamento ideológico do autor.

- **Projeção**

Integrando os componentes biblioterapêuticos pode-se observar a projeção, que é caracterizada pela transferência de ideias, anseios, expectativas, direcionamentos a outras pessoas, tal componente é facilmente identificado quando um indivíduo observa aspectos próprios em outras pessoas, aspectos estes que são aceitos ou não (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994).

- **Introspecção**

Por último temos a introspecção definida por Michaelis (1998, p. 699) como a “descrição da experiência pessoal em termos de elementos e atitudes" a "observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais". De tal modo quando a leitura

proporciona ao indivíduo reflexões sobre seus conceitos e sentimentos, abre um conjunto de possibilidades de mudanças comportamentais e de atitudes frente a si mesmo e frente aos seus iguais.

4.3 BIBLIOTERAPIA E SUAS APLICAÇÕES

A biblioterapia como já citado possui uma gama de aplicações, dentre elas pode-se destacar o uso em: asilos, prisões, hospitais, escolas, centros comunitários, bem como no tratamento de doenças de caráter psicológico mais comumente a depressão.

Seguindo tal ótica Seitz (2005) promoveu um estudo com pessoas enfermas que estavam internadas em clinica médica. O objetivo central foi mensurar a aceitação da atividade de leitura como lazer durante o período de internação na clinica médica, tal estudo apontou que a leitura promoveu a humanização do processo de hospitalização e que os pacientes que leem apresenta uma melhor disposição psíquica ao longo do tratamento.

Já Rossi (2005) executou uma pesquisa com aplicação da biblioterapia em um asilo, com o objetivo de mensurar o quanto os idosos apresentavam melhora em sua autoestima e alívio das tensões e do *stress*. De maneira lúdica com uso de bonecos e recursos áudio visuais além da leitura da qual extraiu a estória, a pesquisa possibilitou a conclusão de que a biblioterapia é um recurso de grande valia para o trabalho com idosos, pois, ouve grande receptividade e expressões de alegria em meio aos mesmos, transformando o ambiente monótono em um ambiente mais dinâmico e ativo.

Pereira (1996) propôs a aplicação dos trabalhos de biblioterapia para pessoas com deficiência visual, com fulcro no aperfeiçoamento e desenvolvimento educacional e profissional de tais pessoas, onde a integração na sociedade passaria por grandes transformações, a proposta é que os processos de biblioterapia fossem aplicados em bibliotecas públicas.

Figura 5: Biblioterapia no Tratamento Pediátrico

Fonte: Google Imagens (2015)

Caldin (2001) estabeleceu avaliação do projeto Literatura e Medicina pediátrica: uma aproximação de integração humana, desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul e outros subprojetos atrelados ao projeto Política de Incentivo à Leitura da Universidade de Joinville. Tais projetos objetivavam o trabalho de terapia por meio da leitura nas clinicas pediátricas em hospitais diversos de Porto Alegre e Joinville. Os resultados apontavam que as crianças puderam

trabalhar melhor o medo que cercava as doenças que eram tratadas e o medo do ambiente hospitalar, fortalecendo o imaginário e agregando no suporte emocional das crianças doentes.

Alves (1982) durante a verificação do trabalho de biblioterapia em estabelecimentos prisionais constatou a diminuição da tensão dos reeducandos provocada pela restrição da liberdade, concluindo que a leitura é um instrumento de aplicação barata e efetiva para auxilio a apenados durante o cumprimento de suas penas.

Todos os trabalhos elencados possibilitaram a identificação de aspectos de melhora e estímulos aos pacientes ou pessoas que passaram pelos processos biblioterapêuticos, onde o fortalecimento psíquico contribui para melhora emocional de todos envolvidos nos processos, proporcionando alívio e conforto em situações que por sua natureza abalam e impactam emocionalmente cada indivíduo que as vivenciam.

A aplicação da biblioterapia sobre tudo visa o acompanhamento e cuidado do ser, uma vez que as pessoas são formadas por emoções diversas que compõe a identidade de cada um, refletindo assim no modo de vida e interações em vários níveis com a sociedade que as rodeiam.

Ferreira (2003) infere que lidar com as emoções e o autoconhecimento embasa positivamente a biblioterapia, à medida que a mesma é aplicada no tratamento e cura de indivíduos que externalizam seus anseios e angústias. Em tal sentido Ferreira (2003, p. 39) preleciona que:

> A biblioterapia é uma técnica de mudança de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotiva dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento.

Nesse sentido Seitz (2006, p. 30) afirma que:

> Estudiosos, de maneira geral, argumentam que a prática biblioterapêutica pode proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes, pode, ainda, dissipar o isolamento, reforçar padrões culturais e comportamentais.

A biblioterapia pode ser trabalhada de várias maneiras tais como contação de histórias, teatro, releituras, recursos áudio visuais, contudo a mais comum e provavelmente a mais importante e observável é a leitura, podendo ou não ser direcionada a uma situação específica em cada ambiente a ser trabalhada.

4.4 BIBLIOTERAPIA E LEITURA

A biblioterapia assim como o seu significado etimológico apresenta, tem como base fundamental a abordagem textual presente em livros, nos mais diversificados temas da literatura, presentes ao longo do tempo na história da humanidade. O aprendizado, a maneira de se posicionar ao passar por determinadas situações, o entendimento e compreensão de si mesmo, e vários outros significados presentes na vida das pessoas podem ser observadas nas diversas experiências abordadas por autores, filósofos e pensadores, em uma gama de obras espalhadas pelo mundo.

A leitura é a base, o pilar central de sustento da biblioterapia, partindo do pressuposto de que os textos nos mais variados estilos possibilitam a reflexão de assuntos diversos, sem o conhecimento do ler não é possível que haja uma aplicação biblioterapêutica eficiente, embora haja formas diferentes da abordagem de tal temática.

Ouaknin (1996, p. 198) explana que "a biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro", que afirma o homem como sendo um "ser dotado de uma relação com o livro". Em tal ótica a leitura permite o homem compreender o conteúdo textual e obter a auto compreensão ao passo que o leitor passa a integrar e fazer parte do texto interpretado.

A respeito da leitura Lajolo (1986, p.59) elenca que:

> ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

A leitura possui o propósito de apresentar em um texto individual um multi significado, de modo que cada indivíduo partindo de suas experiências pessoais possa atribuir um significado conforme uma interpretação pessoal (ROSA, 2006).

Segundo Alves (1982), a utilização terapêutica da leitura possui um histórico longo no decorrer do tempo, onde ainda no Egito antigo Rammsés II faraó que governava na época, determinou que na entrada da biblioteca fosse escrita a seguinte frase: “Remédios para alma”.

Ainda no contexto das bibliotecas egípcias Cruz (1995) afirma que as mesmas eram localizadas em templos classificados como “casas de vida”, adiante no tempo em Roma ainda no primeiro século, palavras para incentivar a leitura e análise de obras foram ditas por Aulus Cornelius Celsus, enciclopedista e médico, que defendia a leitura como tratamento terapêutico e fortalecimento da alma.

A biblioterapia é considerada em diversos países como elemento fundamental em hospitais onde o emprego da leitura pode ser usado na profilaxia, reabilitação e a própria terapia, na qual é indicada para pacientes que devem ser tratados por um longo período onde a execução de atividades diversas são restritas (SEITZ, 2005).

Um bom exemplo a ser observado de terapia pela leitura é o enfrentamento de situações diversas como por exemplo enfermidades graves, perda de entes queridos, normalmente quando ocorre tais situações o indivíduo recorre aos livros que expressam sua confissão de fé por exemplo a Bíblia, o Alcorão, a Torá. Pereira (1996) explana que quando o indivíduo recorre à leitura da bíblia para obter palavras de conforto e direcionamento, o mesmo está praticando biblioterapia pessoal.

5 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

5.1 CONCEITOS E ASPECTOS DA COTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A arte de contar e ouvir histórias são práticas que encanta e mexe com o imaginário das pessoas. Abramovich (1991) em sua concepção afirma que ouvir histórias possui significado bem amplo, onde é possível fazer observações de problemas e conflitos que passamos, estejam eles resolvidos ou não, onde muitas vezes são vivenciados pelos personagens de cada história, dando esclarecimento e direcionamento rumo ao caminho da solução para cada um. O ouvir histórias permite as pessoas experimentarem diversas sensações e emoções em decorrência das narrativas lidas ou contadas por alguém.

Rodrigues (2005, p. 4) acerca da contação de histórias a define como:

> [...] atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

A contação de histórias favorece o aprendizado por intermédio do imaginário, uma vez que incentiva a percepção e desperta os saberes dos ouvintes, permitindo a posse de um mundo com grandes viagens, considerando também o enriquecimento e desenvolvimento linguístico e vocabular, em um contexto de criação literária e de contação de histórias vivenciadas (COSTA, 2007).

Figura 6: Contação de histórias

Fonte: Google Imagens (2015)

Quando trabalhada com crianças, a contação de histórias permite que seja feita a identificação de significados diversos para cada história, bem como o desenvolvimento da prática de leitura. No processo de audição de histórias as crianças desenvolvem a atitude analítica explanada pelo orador, por intermédio de comentários e problemáticas apresentadas durante a narração de histórias, fato que permite o aprimoramento e desenvolvimento do senso crítico (SILVEIRA, 2008).

Lemos e Silva (2012), explanam que a contação de histórias não possui qualquer tipo de restrição ou efeito colateral negativo, desde que haja a adequação do tema ao público alvo, tudo com o maior respeito, ética, e delicadeza, para que a leitura desenvolvida se torne

integrante da estruturação do bem estar dos ouvintes, de modo que o encontro do imaginário com o mundo real seja um misto de descobertas.

Em face de tal argumento Cavalcanti (2002, p. 65) infere que:

> Existe todo um ritual na contação de histórias que, de alguma forma, mesmo nos dias de hoje, deve ser levado em consideração. Contar um conto exige que se prepare devidamente o ambiente. Que os ouvintes sejam preparados para a entrega, que possam confiar naquele que narra, pois penetrar nas densas florestas, cabanas nos bosque, mares sem fim, castelos encantados, grutas e cavernas exige confiança.

A prática da contação de histórias não exige necessariamente uma formação técnica, uma vez que qualquer pessoa em um simples momento de descontração com amigos, crianças ou em família, pode iniciar uma história acerca de qualquer contexto que esteja sendo abordado no momento, contudo a arte de se contar histórias exige do orador desenvoltura para que o receptor das informações se prenda a história contada e venha fantasiar e viver o momento da história contada.

Em se tratando da questão do fantasiar Machado (2000, p. 19) explana que “a fantasia é a forma que resulta da maestria do artista articulando palavras: dando vida, cor, cheiro, mistério a coisas inanimadas e animadas, a sonhos, desventuras, obstáculos, provas, paisagens e valores humanos”.

A prática da contação de história materializou a necessidade de comunicação intrínseca ao ser humano, onde por intermédio das palavras, as experiências cotidianas, as memórias herdadas de ancestrais, e outros sentimentos relativos à existência ganha notoriedade (FLECK, 2007).

O primeiro contato com o mundo das histórias ocorre ainda na infância, onde o pai ou a mãe usando a histórias da literatura infantil transmite ensinamentos e lições que nos acompanha ao longo da vida.

5.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LITERATURA INFANTIL

A contação de histórias é praticada desde os primórdios do homem como um ser pensante e dominante de sua cultura e modo de vida. É possível afirmar que a arte de contar histórias é existente antes mesmo do domínio da escrita e leitura, onde as diversas experiências vivenciadas pelo homem, em diferentes épocas eram passadas por intermédio de histórias variadas, memorizadas e transmitidas ao longo de gerações.

Em tal perspectiva Meireles (1971, p. 41) afirma que:

> O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida.

A arte de contar histórias é totalmente intrínseca ao hábito de leitura, e quando a contação de histórias tem inicio ainda na infância a formação da identidade da criança sofre influências positivas aflorando a percepção e fortalecimento cultural por intermédio da literatura infantil.

Figura 7: João e Maria, clássico da literatura Infantil.

Fonte: Google Imagens (2015).

Caruso (2003) preleciona que a literatura infantil possui uma importância ímpar no desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil, onde o ouvir histórias permite as crianças uma visualização clara em relação aos sentimentos relacionados ao mundo que as rodeiam. A contação de histórias na infância possui a possibilidade de trabalho de diversos assuntos e temas existentes em tal período, como: o medo, o afeto, o perder, o ganhar, a curiosidade, a solidariedade e uma gama de questões que refletem no modo de vida, no desenvolvimento infantil e posteriormente na vida adulta.

Abramovich (2001, p.17) afirma que:

> É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Politica, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...

Graidy e Kaercher (2001) inferem que o ato de contar ou ouvir histórias é um fato presente na vida das pessoas desde o nascimento, onde o aprendizado pode ser notado tanto em experiências concretas, quanto em experiências relatadas em histórias que outras pessoas contam. A necessidade de explanar a cerca de fatos vivenciados na esfera do pensamento, sonhos ou sentimentos, deu origem e caracterização a literatura infantil, onde é possível compartilhar com os membros mais novos da sociedade, porções relevantes de cada experiência vivenciada ao longo da vida.

Tal literatura deve fornecer um contato concreto entre a criança e o livro, onde o ouvir e o contar histórias seja uma atividade prazerosa e construtiva, que apresente um sentido mais amplo e diferenciado ao trabalho dos contadores de histórias, de modo que tal arte seja difundida, ampliada e compreendida pelas crianças.

Graidy e Kaercher (2001, p. 81) em face da literatura infantil afirmam que:

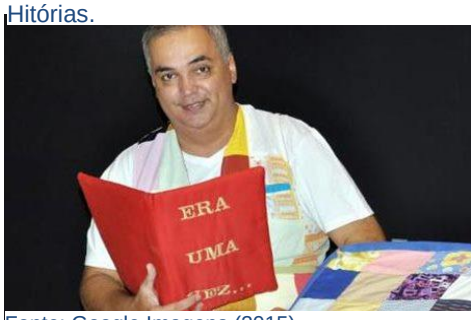
> A literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido a nossa existência. Se nós na nossa prática cotidiana, deixarmos um espaço para que essa forma de manifestação artística nos conquiste seremos, com certeza, mais plenos de sentidos, mais enriquecidos e felizes.

A literatura infantil por possuir elementos que contribuem para a iniciação das crianças nas diversas viagens e temas no mundo dos livros, pode ser utilizada como uma potencial ferramenta no desenvolvimento do conhecimento e análise do modo de vida e costumes vivenciados ainda não compreendidos pelas crianças. Tudo em meio à capacidade de alegrar, divertir, imaginar e emocionar, aguçando de maneira constante a imaginação.

5.3 CONTADORES HISTÓRIAS E SUA ARTE

Não é possível abordar o mundo da contação de histórias sem fazer observação aos contadores, pessoas que desempenham tal atividade com destreza e maestria, utilizando técnicas que permitem ao ouvinte transcender a um estado de compreensão diferenciado durante a contação das histórias.

Figura 8: Glauter Barros, Contador de Hitórias.



Fonte: Google Imagens (2015).

Após escolhida a história com base nos critérios seguidos para atendimento do público alvo como: texto, método, linguagem e outros, o contador de histórias prepara sua narrativa e leitura com uma visão detalhada e maior envolvimento acerca do trabalho, tornando a contação produtiva e compreensível. Sisto (2005) enfatiza que quanto mais detalhada for à leitura, mais o narrador possuirá condições de realizar uma contação de histórias de qualidade ultrapassando a superfície do texto.

Coelho (2000, p. 21) preleciona que “estudar uma história é, em primeiro lugar divertir-se com ela, captar elementos essenciais que nela está implícita, e identificar como tais elementos constituem sua estrutura”. O contador de histórias durante o processo deverá envolver ao máximo o ouvinte, e para tal é necessário que haja todo um trabalho que permeia desde a entonação vocal até gestos e expressões corporais, permitindo ao ouvinte acompanhar o desfecho da história sempre de uma maneira prazerosa.

Em tal sentido Castro (2010) menciona que há vários mecanismos para o contador contar e recontar uma história, fazendo referência ao uso de recursos como: bonecos e marionetes, tom vocal, roupas e figurinos diversos, iluminação, sonoplastia etc. A pesquisadora afirma ainda que o uso de tais recursos provoca nos ouvintes e principalmente em crianças, o prazer, amor à arte, imaginação, desenvolvimento da leitura, poder de observação, ampliação de percepções, conexão entre fantasia e o mundo real.

Para que o contador de histórias tenha sucesso no desenvolver de sua arte, é preciso que haja uma alta cadeia de interação e laços com o espectador, tanto por intermédio da expressão corporal quanto pela linguística. A criatividade e o trabalho lúdico do contador é fundamental para envolver as crianças, onde o contador de histórias assim como atores, dá vida ao personagem narrado, fortalecendo o desejo de conhecimento de varias histórias com a descoberta da literatura, instrumento de trabalho do contador.

Todos nós ainda na infância dentro do convívio familiar, temos o primeiro contato com a figura do contador de histórias, normalmente esse papel é exercido pelo pai ou pela mãe. Acerca de tal fato Abramovich (2003, p.42) explana que:

> O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação.

A arte de contar história por mais simples que seja exige do contador de histórias um conhecimento literário vasto, e quando o mesmo desenvolve um trabalho de contação de histórias mais aprofundado e técnico necessita observar determinados aspectos para uma melhor contação.

5.4 ASPECTOS TÉCNICOS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A arte de contar histórias quando elevada a um nível profissional, exige do contador uma gama de conhecimentos, seja acerca da oratória ou mesmo o gênero literário, para que a história a ser narrada e interpretada atinja o objetivo maior que é o entendimento e assimilação da mensagem transmitidas oralmente. Para que a contação alcance êxito e excelência é necessário que o contador observe os seguintes aspectos:

5.4.1 O olhar

É fundamental que o contador olhe as crianças e ouvintes da história nos olhos, de modo que cada ouvinte tenha a sensação de que a história esta sendo contada somente para ele. O olhar nos olhos estabelece uma conexão comunicativa imediata, contudo, o contador deverá ter destreza para não constranger o ouvinte, ele deverá dosar a atenção dispensada a cada um, tudo deverá ocorrer sem exagero para não tornar uma situação vergonhosa, uma vez

que, crianças normalmente tendem a ficar retraídas em determinadas situações (MOURA, 2009).

5.4.2 O elemento voz

A pessoa que possui o objetivo de ser um contador de histórias, primeiramente deverá cuidar da dicção, pois, é imprescindível que todas as letras das palavras sejam pronunciadas de maneira correta, isso implica também no ajuste da velocidade da pronuncia na qual não deverá ser muito rápida ou muito lenta, pois interfere diretamente na atenção das crianças e ouvintes. O narrador deve falar em uma entonação que possibilite a todos ouvir claramente, sem que a voz seja forçada (MOURA, 2009).

As pausas deverão ocorrer no tempo adequado sem uma prolongação desnecessária, bem como as inferências, entonação, e diferenciações de vozes que acrescentam na apresentação, deverão ser ajustadas ao modo correto de utilização de cada uma (MOURA, 2009).

5.4.3 O diálogo

Antes de toda e qualquer narração, é imprescindível que o contador estabeleça um pequeno diálogo com o seu publico, o objetivo é fazer uma pequena apresentação do tema bem como o autor da história e se a mesma possui alguma ligação temática com fatos do cotidiano das crianças. Tal diálogo deve ser estabelecido também ao fim da história, para que seja explicado o motivo da narração findada e assim dar inicio a uma rodada de perguntas e respostas, onde o contador de histórias deverá estar plenamente preparado (MOURA, 2009).

5.4.4 Estrutura e seleção do conto

A seleção do conto a ser narrado demanda tempo de dedicação do contador, pois o tema e história deverá ser plenamente adequado ao público alvo considerando a idade das crianças, o espaço a ser utilizado, o conhecimento que as crianças têm acerca da narrativa etc, para que haja êxito na escolha da narrativa é necessário que seja observado os quesitos seguintes (MOURA, 2009).

- **Motivação**

A motivação deverá ser sempre considerada uma vez que se o narrador do conto não possui afinidade pelo conto, é melhor que não proceda a contação, pois certamente não desenvolverá a narrativa de forma satisfatória, uma vez que só é possível transmitir uma

emoção que temos. Há casos em que a narrativa possui uma finalidade terapêutica, onde o contador mesmo não se identificando com a temática deverá proceder na melhor maneira possível, já que o que motiva o conto ultrapassa a finalidade recreativa da contação (MOURA, 2009).

- **Adequação**

É imprescindível que haja a adequação do conto ao público, onde o contador deverá conhecer o publico que ouvirá a história, bem como saber a idade e interesses dos ouvintes da plateia (MOURA, 2009).

- **Mensagem**

Com papel extremamente importante a mensagem sempre deverá conter uma denotação positiva, que possibilite a construção da reflexão do assunto abordado no conto. A mensagem deverá promover o desdobramento de significados ampliando a percepção não se restringindo somente a um único e especifico recado (MOURA, 2009).

- **Credibilidade**

O conto desenvolvido deverá ser admissível e aceitável, ainda que seja na seara da fantasia. O contador deverá desenvolver o conto de modo que os ouvintes acreditem na história, para tal, é necessário que haja coerência na sequência de fatos da narração, sem desconsiderar o fator emotivo no qual o contador deverá passar a emotividade na narração. A estruturação do conto é também um fator de grande importância, onde o trabalho com a estrutura tradicional do conto (introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão) é preferível em detrimento de contos modernos por serem mais fáceis de trabalhar. Com o decorrer de varias narrações o contador adquire uma bagagem literária que o permite trabalhar contos tradicionais ou modernos a depender do público e a adequação (MOURA, 2009).

5.4.5 Conto Tradicional

A denominação conto é apresentada em sentido amplo e abrangente: conto, lenda, relato, mito, fábula, crônica e outras. Um melhor entendimento da estrutura tradicional será abordada a seguinte estrutura: introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão (MOURA, 2009).

- **Apresentação**

A apresentação não é parte componente da narrativa, o contador apenas explanará acerca do título e fornecerá informações sobre a origem da narrativa e o foco da história (MOURA, 2009).

- **Introdução**

A ação deverá ser clara e objetiva, na qual as palavras indicarão se o conto possui uma história verdadeira ou fictícia segundo o tipo abordado como: contos de fadas, conto de amor, lenda e outros. Cabe ainda salientar que a introdução é tão importante quanto à conclusão (MOURA, 2009).

- **Desenvolvimento**

Em tal estágio o contador resolve e sana as dúvidas apresentadas pelo público em relação ao entendimento da narrativa. O desenvolvimento não pode conter detalhes omissos, e deverá possuir clareza e uma sequencia que possua lógica de modo que haja harmonia na narrativa (MOURA, 2009).

- **Climax**

O estágio do clímax é marcado pela ênfase e entonação, onde contador deverá ser capaz de transmitir a emoção da narrativa no instante em que ocorre (MOURA, 2009).

- **Conclusão**

A conclusão deve ser rápida e clara, a entonação da voz não poderá cair, e se o conto apresentar uma mensagem o entendimento da mesma deverá ser obtido individualmente por cada ouvinte, onde o contador dará suporte para tal (MOURA, 2009).

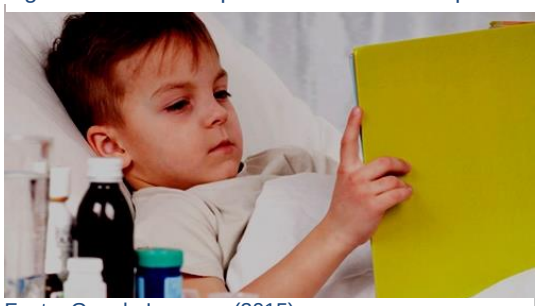
6 LEITURA, BIBLIOTERAPIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

6.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE BIBLIOTERAPIA

Como já elencado o processo de leitura figura como pilar fundamental dentro da comunicação humana e o aprendizado, é a base para tudo que é feito, das mais simples as mais complexas atividades desenvolvidas pelas pessoas nas mais diversas interações. A leitura no processo de biblioterapia não é diferente, é o fator principal na execução e condução da biblioterapia, sem a leitura não há possibilidade de seu desenvolvimento.

A leitura é utilizada como um elo entre as pessoas e o aprendizado sobre mundo que as rodeiam, por meio das diversas experiências vivenciadas e compartilhadas ao longo tempo, proporcionando uma modificação na realidade de quem a pratica.

Figura 9: Leitura no processo de biblioterapia



Fonte: Google Imagens (2015).

O processo de leitura no contexto da biblioterapia segundo Caldin (2001) é figurado como uma leitura dirigida, que permite a absorção de experiências vivenciadas pelo autor do texto lido, permitindo uma reflexão embasada no debate e discussão dos assuntos explanados na leitura, logo os sentimentos expressos na leitura adicionam novos valores de vida ao leitor.

Contextualizando e correlacionando a leitura no processo de biblioterapia Oaknin (1996) caracteriza a biblioterapia como o aperfeiçoamento do ser humano pelos processos de narração e interpretação da leitura nos diversos núcleos e conceitos da atividade. A biblioterapia para sua consecução plena exige que seja estabelecida a interpretação e contextualização do que se lê, de modo que permita atingir um entendimento de valor prático para o leitor.

Frente ao fato da troca de experiências e conhecimento entre autores e leitores possibilitados pela biblioterapia, Geraldi (1996,p.70) acerca do ato de ler afirma que:

> ...ler é, assim, as possibilidades de interlocuções com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações, isto é ler.

Oaknin (1996) ao afirmar que a biblioterapia é essencialmente uma filosofia do livro, denota o sentido de que a leitura é uma prática completamente intrínseca a biblioterapia, uma

vez que um livro não possui utilidade alguma se o indivíduo não tiver o domínio da leitura e contextualização de seu conteúdo.

Buonocore (1976) reafirma o conceito e interdependência da biblioterapia e leitura, ao enfocar a biblioterapia como a cura de moléstias por intermédio do uso de leituras direcionadas. Considerando tal fato é possível concluir que sem a leitura não há nenhuma aplicação biblioterapêutica ou uma ampla troca de experiências, considerando que a leitura é o meio de comunicação mais utilizado na atualidade, presente em todas as atividades cotidianas do homem moderno.

A leitura quando contextualizada no sentido de uma prática biblioterapêutica, deverá envolver o leitor, e proporcionar uma formação de sentido onde novos conceitos apresentados pelo autor da obra, faça parte do quadro de interesses do leitor para que a solução de situações problemáticas vivenciadas venha se concretizar.

6.2 A IMPORTÂCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Assim como na biblioterapia a contação de histórias está intimamente ligada à leitura e contextualização de livros e textos, contudo em uma escala diferenciada, pois, a contação de histórias não é associada unicamente ao exercício da leitura. Nesse sentido é valido ressaltar que o contar histórias pode se dar de varias maneiras, entre elas a reprodução de histórias contadas por pessoas mais velhas ou mesmo relatos de fatos vivenciados durante as diversas interações sociais, consolidando o conhecimento que embasa as narrativas orais.

Figura 10: Primeiro contato com a leitura e contação de histórias

Fonte: Google Imagens (2015).

O primeiro contato com a leitura e contação de história se dá ainda na infância, dentro do convívio familiar, onde os adultos estimulam o conhecimento dos futuros leitores com a estrutura escrita e sua linguagem, onde o leitor ainda criança se lança no mundo da leitura e descobertas a cada história e desfecho dos personagens (ABRAMOVICH, 2001).

Abramovich (1989, p. 16) delineando a junção da leitura e contação de histórias afirma que:

> Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Diante de tal abordagem é possível inferir que a contação de histórias é apresentada como uma porta de entrada para o mundo da leitura, onde não há limites para abordagens literárias e a prática da leitura, contando sempre com a figura do contador de histórias que está plenamente ligada a tal fato.

Sisto (2001) faz inferência ao trabalho dos contadores de histórias e a promoção da leitura citando a difusão de bibliotecas e salas de leitura pelo país, onde as bibliotecas passaram de uma contextualização de depósitos de livros a um ambiente dinâmico e vivo.

A propagação de contadores de histórias e o resultado positivo de seus trabalhos quanto ao incentivo à leitura, fez com que no ano de 1992, fosse criado o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Instituído pelo Decreto Presidencial nº 519 de 13 de maio de 1992, o programa contribuiu para difusão da contação de histórias por intermédio dos contadores em todo território nacional, onde as atividades de contação eram encaradas como fator fundamental no incentivo a leitura.

Por mais que haja a possibilidade de se contar uma história sem o recurso da leitura, é nos livros que janelas do imaginário são abertas, é a leitura de vários gêneros literários que fornecem suporte para uma sequência de acontecimentos do imaginário narrados oralmente que fazem a diferença no mundo real.

Coelho (2005) preleciona que o ato de ler para crianças não se resume somente na transmissão do conteúdo da história, mas faz a mediação e promove o encontro com um modelo de leitor, fazendo com que haja o entendimento de elementos essenciais para leitura como entonação, pausas e outros elementos pertencentes ao hábito de leitura.

Toda e qualquer atividade exige algum tipo de leitura, seja para utilizar um produto ou até mesmo passar o tempo, na contação de histórias não é diferente a leitura se faz cada vez mais presente agregando em temas e abordagens diferenciadas nos movendo para lugares distantes no mais intimo do imaginário.

6.3 A RELAÇÃO ENTRE LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E BIBLIOTERAPIA

Como já elencado a leitura é um elemento antigo, pilar das interações humanas desde o inicio dos tempos, com vasta utilização tanto na biblioterapia quanto na contação de histórias, dá o suporte para uma aplicação efetiva e eficiente dos conceitos e enriquecendo culturalmente e intelectualmente a todos envolvidos nos processos.

Em face de tal explanação Silva (1981) afirma que a leitura é a caracterização de processos que permitem as interações humanas no convívio em sociedade, permitindo a reflexão e compreensão de fatos do presente e do passado, transformando a realidade das pessoas em níveis sociais e culturais.

Dentro da perspectiva de Silva (1981) as interações humanas transmitidas pela leitura embasam a biblioterapia e a contação de histórias, uma vez que a abordagem biblioterapêutica faz menção a fatos vivenciados dando suporte no enfrentamento de situações análogas em que as pessoas vivenciam em seu cotidiano. Já na contação de histórias as interações sociais elencadas por Silva (1981) incrementam e adicionam conteúdo a temática proporcionando novas descobertas e ensinamentos por intermédio de situações de narradas oralmente.

A biblioterapia é um artifício que aborda a leitura e varias atividades lúdicas para cumprir o objetivo principal que é auxiliar no tratamento de enfermidades físicas ou psicológicas em pessoas de diversas camadas sociais e idades. Dentre tais artifícios a contação de histórias cumpre com maestria a função terapêutica, educativa e integradora, promovendo o auxilio no tratamento de várias enfermidades, atuando no suporte psicológico por intermédio do lúdico e do imaginário.

A narração ou contação de histórias se faz presente na biblioterapia à medida que desenvolve a leitura em vários contextos e objetivos, trabalhados na transmissão de informações diversas. Analisando a contação de histórias e a biblioterapia, é possível inferir que a contação desempenha e aborda os dois conceitos uma vez que as histórias comumente sucedem de obras literárias encontradas sob a forma de livros e textos.

Tahan (1961, p.16) apresenta de forma integrada em sua obra, a junção da biblioterapia e contação de histórias ao afirmar que:

> A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos.

Quando Tahan (1961) versa sobre a história narrada, dramatizada ou lida, é possível identificar facilmente a biblioterapia e a contação de histórias em um único contexto, seja no ato de narrar oralmente, dramatizar ou de ler, onde a narrativa oral e a dramatização são figuradas como recursos tipicamente da contação histórias, e o ato de leitura seja individual ou por intermédio de um contador de histórias, figura tipicamente como recurso basilar da biblioterapia.

Seitz (2006, p. 19) ao definir biblioterapia, explana que:

> A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

Ao estabelecer análise acerca da inferência de Seitz (2006), é possível observar a referência ao uso de materiais diversos como recurso para o desenvolvimento da biblioterapia, e não distante disto a contação de histórias como já abordado em tópicos anteriores também admite o uso de materiais no desenvolvimento de narrativas e contos. É possível ainda verificar que na biblioterapia o emocional é um fator crucial de trabalho, e na contação de histórias tal fato é comprovadamente idêntico, uma vez que nos dois trabalhos o imaginário e a reflexão, são estimulados elevando o nível de consciência e desenvolvimento psicológico do público ou leitor.

A contação de histórias bem como a biblioterapia exercem um papel de exímia importância em se tratando de integração social, pois possibilitam que pessoas inseridas em qualquer contexto da sociedade, estabeleçam contato com vários assuntos. Crianças, idosos, analfabetos, pessoas com necessidades especiais, entre outras, com ou sem limitações físicas ou condição segregadora, podem ter contato com o mundo dos contos, retratando experiências e reflexões vivenciadas por outras pessoas, apresentadas em livros, textos, e posteriormente repassadas em histórias narradas oralmente ou em uma boa leitura.

Tanto a biblioterapia quanto a contação de histórias utilizam a leitura para o desenvolver suas abordagens, para que seja traçada uma melhor linha de compreensão Kleiman (2011, p. 26) afirma que:

> O mero passar de olhos não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos.

Contextualizando tal explanação, quando Kleiman (2011) faz referência à procura que o leitor deverá realizar em seu passado, em lembranças e conhecimentos é plenamente válido elencar que as pessoas de um modo geral desde a infância possui conhecimentos obtidos de forma empírica, tanto em ocasiões vivenciadas como por histórias contadas pelos pais, amigos, avós, tios, e outras pessoas do convívio cotidiano.

Diante dos argumentos apresentados é possível inferir que a contação de histórias e a biblioterapia são complementares entre si, uma vez que uma fornece suporte para outra nas diferentes abordagens apresentadas, sempre de uma maneira prazerosa para quem vivencia qualquer das duas abordagens.

6.4 CONTAÇÃO DE HISTORIAS E BIBLIOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento infantil, bem como aprendizado de novos conceitos e a criação da história individual de cada criança possui um forte elo entre fantasia e realidade, onde aspectos socioculturais interferem diretamente no construto de conceitos e paradigmas que acompanharão as crianças ao longo de sua vida até a fase adulta. A contação de histórias e a biblioterapia por possuírem artifícios que permitem um trabalho no desenvolvimento da reflexão e percepção dos mais diversos aspectos cotidianos vivenciados pelas crianças, exercem um papel ímpar quando se trata da contribuição para o desenvolvimento infantil.

Quando a referencia é o trabalho com crianças, tanto a contação de histórias quanto a biblioterapia utilizam a literatura infantil e a leitura como pilar na execução dos trabalhos que visam modificar a realidade por intermédio da reflexão, construção e disseminação de novos conceitos e experiências.

Acerca de tal inferência Cademertori, (1987, p. 23) explana que:

> [...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

Estabelecendo análise ao que versa Cademertori (1987), é facilmente possível mensurar os reflexos prováveis do trabalho com a biblioterapia e a contação de histórias no desenvolvimento infantil, onde a formação conceitual proporciona a autonomia de pensamento e reflexões que moldam o comportamento e condutas sociais de indivíduos que, quando crianças participaram dos processos biblioterapêuticos e de contação de histórias.

Tais processos produzem reflexos de curto, médio e longo prazo uma vez que em curto prazo o indivíduo ainda criança evolui tanto intelectualmente quanto cognitivamente, sem considerar ainda aspectos culturais que são drasticamente afetados de forma positiva. A médio e longo prazo o indivíduo já na transição da infância para a fase adulta, quando participam de processos de biblioterapia e/ou contação de histórias, recebem suporte para elucidação de questionamentos que surgem ao longo do desenvolvimento, quer seja físico ou psicológico aparente em cada fase e estágio da vida do indivíduo.

As abordagens das narrativas orais ou biblioterapêuticas estabelecem uma grande evolução pessoal e psicológica nos indivíduos, sobretudo naqueles encontrados em situação de conflitos pessoais ou interpessoais. Tais abordagens atuam de modo a aumentar e

acrescentar habilidades para aplicação em contextos sociais oferecendo suporte para o enfrentamento de problemas pessoais e interpessoais que ocorrem nas diversas interações ao longo da infância, adolescência e vida adulta.

Nesse sentido Murta (2005, p.283) infere que:

> ... pessoas expostas a fatores de risco, mas ainda não acometidas por problemas interpessoais e visam ao incremento de suas habilidades sociais como um fator de proteção, de modo a minimizar a chance de ocorrência de problemas interpessoais futuros para estas pessoas e para os que fazem parte de sua rede social mais próxima.

Sintetizando o trabalho de contação de histórias e biblioterapia com crianças, é possível resumir em uma única palavra a caracterização dos benefícios advindos de tais temáticas. A palavra é sabedoria, construída e embasada nas mais diversificadas abordagens socioculturais existentes e vivenciadas desde o período da infância até a vida adulta.

Bettelheim (2006, p. 09) sobre a sabedoria afirma que:

> É construída, passo a passo, a partir das origens mais irracionais. Só na idade adulta é que uma compreensão inteligente do sentido da experiência de cada um neste mundo se pode obter, a partir das experiências vividas.

Atribuindo um sentido melhor dentro de tal perspectiva, quando Bettelheim (2006) afirma uma construção de sabedoria passo a passo dentro de experiências vivenciadas, subjetivamente é possível inferir que a contação de histórias e biblioterapia atuam em uma abordagem transversal de temas vivenciados por outras pessoas, materializados em uma obra literária ou manifestados em personagens de histórias, com isso mesmo não passando por situação análoga a do autor ou personagem já há ali o conhecimento que possibilita uma condução melhor em situações práticas vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu atingir o dimensionamento da importância da leitura tanto na infância quanto na vida adulta das pessoas, com uma relevância impar na construção de conceitos e consolidação da emancipação do pensamento, e por consequência uma reflexão crítica acerca de fatos vivenciados no dia a dia, abordados no decorrer dos trabalhos de leitura desenvolvidos ao longo do tempo. A leitura se mostra instrumento principal na formação e construção do caráter das pessoas, que ainda na infância começa a ser lapidado de modo que o exercício da cidadania flua de maneira rica culturalmente e socialmente.

A pesquisa mostrou ainda o vasto universo da leitura e suas aplicações dentro da biblioterapia, atuando como peça chave em todas as abordagens da temática. Sem a prática da leitura a biblioterapia finda em seu propósito de prestar auxilio e suporte na constituição de conceitos que tratam, previnem e ajudam na contextualização de situações que, ora mal compreendidas acometem e influenciam negativamente a vida das pessoas, sejam crianças, adultos ou idosos.

O autoconhecimento, a reflexão, o fortalecimento emocional e a alteração comportamental são peças de fácil identificação na estrutura da leitura biblioterapêutica, dando aos seus praticantes a liberdade da inércia gerada por situações problemas enfrentadas no cotidiano. Logo a leitura figura não como um ato simples exercido diariamente, mas como um turbilhão de conhecimento que nos direcionam a um nível superior de entendimento da própria vida.

Não muito distante disso a leitura influência significativamente nos processos de contação de histórias, à medida que integra e acrescenta uma gama de informações contidas na literatura, seja ela infantil ou não. A leitura no contexto da contação de histórias atua como um agente alimentador de informações relevantes e pertinentes a várias situações sendo elas reais ou fictícias, transmitidas por um narrador. Contar histórias permite ao contador e o seu público apropriar-se da essência do próprio ser, uma vez que costumes e acontecimentos são contados e recontados no desenrolar do tempo, resgatando a essência ancestral em lapsos de sabedoria e valoração da história humana.

Ler, entender e contar histórias nada mais é do que resgatar valores e proteger a própria história, a essência que compõe cada indivíduo segundo sua cultura e história nas interações sociais, a leitura nesse contexto atua juntamente com escrita, onde fatos registrados ao longo do tempo fornecem suporte e conteúdo intelectual para agregar conhecimento. O

lúdico e o imaginário trabalhados na leitura e contação de histórias favorecem o aprendizado, e proporcionam uma verdadeira viagem no universo dos livros.

A leitura quando trabalhada na biblioterapia e contação de histórias tem uma importância sobremaneira especial no desenvolvimento infantil, contribuindo de uma maneira ímpar para o desenvolvimento psicológico e cognitivo das crianças, trabalhando seus sonhos, anseios, medos, entrando no mais íntimo da mente de cada uma, promovendo uma viagem dentro do sentido da própria existência. A leitura seja na contação de histórias ou na biblioterapia ou mesmo em sua forma simples, tem o poder de libertar as pessoas das cadeias de segregação social, diante de tal fato, é valido ressaltar que é interessante o desenvolvimento do hábito de leitura por parte das pessoas, seja em grupo ou individualmente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** Gostosuras e Bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

_____, Fanny**. Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.

AGENCIA SENADO. **Jornal do Senado: Especial Cidadania.** Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/cidadania/leitura/not01.htm> Acesso em 13 de maio de 2015.

ALVES, Maria Helena Hees. **A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência. O dilema da educação**. 4. ed, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Lisboa, Editora Bertrand 2006.

BLATTMANN, Úrsula; VIAPIANA, Noeli. **Leitura Como Instrumento de Cidadania**. In: XXI CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, Curitiba 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 3. ed. Brasília**: MEC, 2001.

BRASIL. **Resolução nº 44 de 16 de outubro 2008**. Estabelece critérios e procedimentos para a execução de projetos de fomento à leitura para neoleitores [...]. MEC/FNDE, 2008. Disponível em:< http://www.fnde.gov.br/fnde/legislacao/resolucoes/item/3273-resolucao-44-de-16-de-outubro-de-2008 >. Acesso em 09/06/2015.

BUONOCORE, D. **Diccionário de bibliotecologia**. 2 ed., Buenos Aires, Maymar, 1976.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDIN, Clarice Forkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil:** (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2001.
CARVALHO, Marlene**. Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática.** 5. Ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008.

CARUSO, Carla. **A importância da literatura na formação da criança**. 2003. Disponível em: < http://www.riobranco.org.br/brasil/soe/caruso.htm> . Acesso em: 15/06/ 2015.

CASTRO, Aldemário Araújo. **A Imunidade Tributária do Livro Eletrônico**, 2004.
CASTRO, Eline Fernandes**. A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança. Trabalho científico apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2010.** Disponível em: <http://www.meuartigo.brasilescola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm;> Acesso em 15.06.2015.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

CHARTIER, Roger.**A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador.** Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COSTA, R. **A importância e o desafio da contação de histórias no desenvolvimento infantil: O conto e o reconto**. Construir Notícias, 2007.

COELHO, Nelly Novaes**. Literatura infantil: teorias, análise, didática.** São Paulo. Moderna 2000.

_____, Nelly Novaes. **O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação**. Criança: revista do professor de Educação Infantil, Brasília, DF., p. 10-12, jan. 2005.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes de**. Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia.** 1995. 147f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995

DANTAS, Taíssa Rodrigues. **Letras eletrônicas: Uma Reflexão Sobre os Livros Digitais**. Universidade de Coimbra, 2011.
FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3**. Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 3º Ed. 2012.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: Uma prática para o desenvolvimento pessoal.** EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL, Campinas- SP. Junho de 2003. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/index.php/etd/article/view/1809/1651> acesso em: 09/06/2015.

FLECK, Felícia de Oliveira**. O contador de histórias: uma nova profissão?** Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.23, 1º sem. 2007.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente.** Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 1996.

GRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

JOBIM, José Luís**. A produção textual e a leitura: entre o livro e o computador.** In: _____. **Formas da teoria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola: alternativas do professor.** São Paulo: Mercado Aberto, 1986.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise.** Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes, 1994.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.

LEMOS. Ana Carolina; SILVA, Nyêdja Cariny Gomes. **A função terapêutica da arte de contar histórias.** INTERSEMIOSE , Revista Digital , ANO I, vol. 01, n. 01 • Jan/Jul 2012.

MACHADO, Arlindo. **O fim do Livro? Estudos Avançados**. Vol.8 no. 21 São Paulo, Mai/Ago, 1994.

MACHADO, Regina Stela Barcelos. **Janela das Artes**. In:DAVINI, J. (Org). **Janelas da Imaginação: experiências singulares com contos da tradição oral e outras histórias**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2000.

MARCINKO, Stephanie – **Bibliotherapy: pratical applications with disabled individuals**. In Current studies in librarianship, v. 13, n. 1/2 Spring/Fall 1992.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. **A Importância do letramento na alfabetização.** Ensaios Pedagógicos, Junho 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 17.ed. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1994.

_____, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1971.

MICHAELIS: **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MOURA**,** Rivaldo Jose de**. Participação ativa dos pais na arte de contar historias.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico - 2ª Edição – Outubro de 2009.

MURTA, S. G. **Planejamento, implementação e avaliação de um programa de manejo de estresse ocupacional.** Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2005.

OAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

ORSINI, Maria Stella. **O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia**. Comunicações e Artes, 1982.

PAULINO, Suzana Ferreira. **Livro Tradicional x Livro Eletrônico: A revolução do livro ou uma Ruptura Definitiva?**. Universidade Federal do Pernambuco. Hipertextus, Junho 2009.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. **O prazer de descobrir e conhecer**. IN: GARCIA, Regina Leite (org.). Alfabetização dos alunos das classes populares, ainda um desafio. – São Paulo: Cortez, 1992.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **AS CARTAS DE ANA CRISTINA CÉSAR: uma contribuição para a Biblioterapia.** Universidade Vale do Rio verde de Três Corações-UNICOR, 2006.

ROSSI, Tatiana. **Aplicação da biblioterapia em idosos da sociedade espírita obreiros da vida eterna.** 2007. Disponível em: <www.acbsc.org.br/revista/index.php/racb/article/view/505/650>. Acesso em: 15/06/2015.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. **A importância educacional da leitura e estratégias para sua promoção.** Revista Iberoamericana de Educación n.º 45/5 – 25 de março de 2008.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados Em clinica médica**.2005. Disponível em: http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1838/pdf_6>. Acesso em 09/06/2015.

_____, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica.** Florianópolis: ACB: Habitus, 2006.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O Ato de Ler. Fundamentos Psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura.** São Paulo, Cortez, 1981.

SILVA, Vanessa Brum da. **Biblioterapia: produção bibliográfica e aplicabilidade**. 2011. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

SILVEIRA, Bianca Farias da. Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!. Revista Pró língua Vol. 2, 2008.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

_____, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó, SC: Argos, 2001.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Editora Autêntica, 2ª edição 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In:
CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. 1. Ed.
Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** 5ª ed. Editora: Martins fontes, São Paulo 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2.ed. São Paulo, Contexto, 1991.